
CONVERSA

— DE —

CHIEFRE

ENROSCADO

Sobre o *Dicionareco*
das roças de cacau,
de Euclides Neto

Cid Seixas



[linguagens.ufba.br/2021/
conversa-de-chifre.pdf](http://linguagens.ufba.br/2021/conversa-de-chifre.pdf)

Houve tempo em que as aventuras do país grapiúna eram escritas a lâmina de faca e facão na mata virgem. A enxada nas roças de cacau traçava o destino de uma cultura. A riqueza parecia não ter fim, até que a vassora da velha bruxa varreu os ventos vadios da pujança.

Destruída a economia cacauqueira, abandonadas as léguas da promessa, as antigas aventuras vividas precisam continuar vivas. Novos fatos e nova realidade

mudam o enfoque, que deixa de mirar a fartura para enfocar a decadência de um mundo e a busca de outros caminhos. É assim que surge uma nova vertente literária renovando o filão aberto na literatura brasileira por Jorge Amado e Adonias Filho. Eles foram os narradores da construção de um mundo novo, do desbravamento das terras do sem fim. Mas esse mundo teima em viver, através da escrita de homens e mulheres que têm o umbigo enterrado numa cova de cacau.

Euclides Neto é um mateiro que aprendeu os caminhos do mundo pelas veredas da roça. Estudou na cidade grande, viajou civilizações, percorreu os compêndios das leis, mas voltou logo para sua gente, onde saberes ancestrais o aguardavam. É nesse espaço, ou melhor, ampliando o espaço, que ele constrói a sua obra de escritor. Os romances *Berimbau*, *Vida Morta*, *Os Magros*, *O Patrão*, *Comercinho do Poço Fundo*, *Os Genros*, *Machombongo* e *A Enxada* (são oito) dão



testemunho das muitas coisas que ele tem para contar.

Como o seu texto de inventor de histórias é uma roça de cacauzeiros resistentes à vassoura-de-bruxa do gosto e do desgosto, ele pode ser abordado pela crítica; pode ter seus defeitos postos à luz da razão, porque as boas qualidades da escrita respondem aos eventuais defeitos.

Muito se fala da humildade e da modestia desse escritor. Numa província de escreventes empenachados, Euclides Neto não desdenha de uma opinião

contrária, mas procura descobrir nela um desafio para novos voos.

Quando, numa destas leituras críticas, procurei levantar aspectos contrários ao processo de construção do romance *Os Magros* (ver o artigo “Vozes sufocadas”, incluído no livro *Triste Bahia*), em vez de se sentir diminuído, Euclides Neto estabeleceu um diálogo criativo e respondeu à provocação com a fábula redentora de *A Enxada*. Nesse romance, carregado de otimismo, ele procurou contrapor o pessimismo demasiadamente esquemático de *Os Magros*.

Como a questão dá panos para manga, incluí o estudo crítico da obra do autor num projeto de pesquisa desenvolvido nos Cursos de Mestrado e Doutorado em Letras da UFBA. O primeiro trabalho de vulto sobre seus romances é realizado pelo escritor e jornalista Elieser Cesar, a quem coube tomar *Os Magros* como eixo da sua dissertação de mestrado.

Mas peço licença ao leitor para hoje dar notícia de um outro Euclides Neto:

o lexicógrafo. Num livrinho útil e pioneiro, ele reúne palavras e expressões correntes na região sul da Bahia. Como sabe que a televisão, com o prestígio da linguagem enlatada, mais dia menos dia, empobrecerá a língua falada no Brasil, quer deixar em letra impressa os inventos e usos da gente da terra. De um lado, as novelas e programas de TV impõem a linguagem dos estúdios aos falantes das mais diversas realidades. Do outro lado, as rádios FM tomam por locutor um papagaio de fala pasteurizada, desprovido de qualquer marca regional. No milênio que está próximo, o que restará da língua e da cultura tão ricas e diversificadas destes brasis? Em lugar do português surgirá, talvez, o *televisês*, dialeto predador da *mídia* – o exterminador do futuro.

Era preciso, portanto, que alguém iniciasse, no país do cacau, a tarefa de preservar o que hoje está virando peça de museu: o jeito, a fala da gente. Não se espante: o que você acabou de ouvir da boca do tabaréu, do homem da terra, já é

coisa do passado, conversa de *cifre enroscado*. Na rede navega a nova linguagem.

Dicionareco das roças de cacau e arredores é o título do trabalho de sondagem, publicado pelo Editus, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (que, com todo respeito à Santa Cruz, bem poderia se chamar Universidade Estadual Grapiúna).

Como o artista abre caminhos e antecipa os movimentos da tropa, sem ser especialista, Euclides Neto está *dando de lambujem* (ver o *Dicionareco*) aos pro-



fessores de linguística do português da UESC o chute inicial de possíveis trabalhos acadêmicos. Daqui a vinte, trinta, cinquenta anos, pesquisadores do dialeto grapiúna tomarão este livrinho como *vade mecum*, como testemunho autorizado de uma época; objeto que não se larga, que vai sempre com a gente. Daí o nome: *vade mecum*, vai comigo.

Por enquanto, o *Dicionareco das roças de cacau e arredores* serve de guia para a leitura dos escritores da região, especialmente para nós, admiradores da escrita mateira, *de-picado-a-largo* de *seo Ocride*.

CONVERSA DE CHIFRE ENROSCADO. Resenha crítica e informativa sobre o livro *Dicionareco das roças de cacau e arredores*, de Euclides Neto. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 2 fev. 98, p. 7.